

# Entre feminino e masculino: a identidade política de Carlota Pereira de Queiroz\*

Mônica Raisa Schpun\*\*

## Resumo

O texto trata da primeira fase da carreira política de Carlota Pereira de Queiroz (1932-1937), período em que se lança candidata à Assembléia Constituinte e exerce seu mandato como primeira Deputada Federal do país. Duas questões principais são examinadas: as relações de Carlota com seus colegas homens, na política, e suas relações com as feministas, especialmente Bertha Lutz e a FBPF.

**Palavras-chave:** Literatura, Misoginia, Feminismo, Política.

---

\* Recebido para publicação em agosto de 1999. Este trabalho foi apresentado no IV Congresso da BRASA – Brazilian Studies Association –, Washington D.C., novembro de 1997, em mesa-redonda organizada por Mônica Schpun e Peggy Sharpe.

\*\* Centro di Studio e Ricerca Donne e Differenze di Genere, Università de Milano, e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu.

Carlota Pereira de Queiroz

Between Masculine and Feminine:  
The Political Identity of Carlota Pereira de Queiroz

**Abstract**

This paper deals with the beginning of Carlota Pereira de Queiroz's political career (1932-1937). During this period, Pereira de Queiroz becomes a candidate for the Constituent Assembly and exercises her mandate as the first female Federal Representative in Brazil. Two main questions are examined: the relationships between Carlota and her male colleagues in the political arena, and her relationship with other feminists, such as Bertha Lutz and the FBPF.

**Key words:** Literature, Misogyny, Feminism, Politics.

Esse artigo trata de alguns aspectos da carreira política de Carlota Pereira de Queiroz (1892-1982). Eleita constituinte, em 3 de maio de 1933, pela “Chapa Única por São Paulo Unido!”, ela é a primeira mulher a ocupar um cargo de deputado federal no Brasil e a única a assinar a Constituição de 1934, ao lado dos outros 252 constituintes, todos homens. Finda a Constituinte, ela é re-eleita, a 14 de outubro de 1934, desta vez para um mandato na Câmara Federal, pelo então recém-criado Partido Constitucionalista – em 1936, Bertha Lutz, eleita suplente, também assume seu mandato, após a morte do deputado Candido Pessoa. O advento do Estado Novo, em 1937, põe fim a essa experiência.

Os acontecimentos em questão vêm carregados de significação histórica e política. As elites paulistas, afastadas do poder após 1930, vêem nas novas eleições uma oportunidade de retorno. Depois de terem lutado contra a ditadura em 1932, lançam-se na conquista do voto e, principalmente, desejam deixar a marca de seus interesses nas páginas da nova Constituição. Interesses que visam sobretudo o estabelecimento de limites à ação do poder central, em favor dos estados, e uma política econômica favorável à cafeicultura.

Os resultados do pleito comprovam e ampliam tal significação. Em 1933, São Paulo é o único estado que vence o interventor varguista, ainda que este conte com a máquina oficial para promover o novo Partido da Lavoura. Dos 22 membros da bancada paulista, a “Chapa Única por São Paulo Unido!” elege 17 nomes (contra 2 do Partido da Lavoura e 3 do PSB). A partir de 1934, Carlota Pereira de Queiroz participa de uma bancada maior, de 34 cadeiras, dividida entre o Partido Constitucionalista e o PRP. O primeiro conta com 22 representantes, contra 12 do segundo.

Buscando descortinar o sentido histórico-social que envolve a carreira política de Carlota Pereira de Queiroz e resgatar aí a questão das relações entre homens e mulheres, entre o masculino e o feminino, abordarei neste texto duas problemáticas centrais.

Carlota Pereira de Queiroz

Para tal, concentrarei minha reflexão entre o período pré-eleitoral de 1932-1933 e o final de seu mandato, em 1937.<sup>1</sup>

Em primeiro lugar, trata-se de examinar as relações que se estabelecem entre Carlota Pereira de Queiroz e seus colegas homens da política, principalmente aqueles que lhe são mais próximos, seus companheiros de bancada e de partido. Quanto a isso, pretendo abordar aqui, especificamente, as implicações dessa presença feminina inédita e excepcional num espaço físico e social masculino por excelência.

A segunda questão refere-se às relações mantidas entre Carlota Pereira de Queiroz e as líderes do movimento feminista dos anos 1920-30, especialmente aquelas que se reúnem, em torno de Bertha Lutz, na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Estas mulheres envolvem-se profundamente na campanha sufragista e mobilizam-se intensamente, no início dos anos 1930, em torno de uma campanha de informação política voltada para as mulheres e de um trabalho prático de alistamento eleitoral (que mobiliza também outras associações e organizações femininas, como veremos).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Essa reflexão faz parte de uma pesquisa biográfica mais ampla sobre Carlota Pereira de Queiroz. Para outros aspectos de sua vida ver: SCHPUN, Mônica Raisa. Carlota Pereira de Queiroz: entre representativa e singular. *Cuadernos de Historia Latinoamericana*, Associação dos Historiadores Latino-Americanistas Europeus (AHILA), n° 4, 1997, pp.153-173 e, sobre outros aspectos de sua carreira política, “Carlota Pereira de Queiroz: uma mulher na política”. *Revista Brasileira de História – Biografia, biografias*, vol. 17, n° 33, Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH)/Editora UNIJUÍ, 1997, pp.167-200. Agradeço à FAPESP pelo financiamento concedido, desde agosto de 1998.

<sup>2</sup> O novo Código Eleitoral, promulgado por Vargas em fevereiro de 1932, introduz o voto secreto e obrigatório aos maiores de 21 anos e o voto feminino, ainda que as mulheres de todas as idades recebam o mesmo tratamento que os homens de mais de 60 anos, para quem essa obrigação não se impõe. A Constituição de 1934 estabelecerá que o voto feminino só é obrigatório para aquelas que exercem função pública remunerada. Cf. KELLY, Octavio. *Código Eleitoral Anotado*. Decreto n° 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, Iª Parte, artigo 2 e Vª Parte, artigo 121, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas Alba, de Moreira e

### **Eleita entre os eleitos**

Dia 9 de julho de 1932 eclode a Revolução Constitucionalista em São Paulo. Em meio à mobilização geral dos paulistas, para dar assistência aos soldados e colaborar com os esforços de guerra, surge o Departamento dos Serviços Auxiliares de Guerra, ao qual se subordinam o Departamento de Assistência à População Civil, dirigido por Olívia Guedes Penteadó, e os Serviços Auxiliares de Saúde. Deste último, sairá o DAF – Departamento de Assistência aos Feridos – organizado e dirigido por Carlota Pereira de Queiroz que, desde o início dos conflitos, mesmo antes que os feridos começassem a aparecer, já colabora junto às diversas campanhas de assistência e de apoio aos revolucionários.

Não há nada de extraordinário no fato de uma mulher da elite apoiar o movimento de 1932: todas devem tê-lo feito. Aliás, essa mobilização feminina é amplamente lembrada e utilizada na época, não somente como o argumento principal para defender a inclusão de uma mulher na lista da Chapa Única mas também, de modo mais geral, para provar a maturidade política das paulistas. Entretanto, em meio à mobilização geral, tomar uma posição pública e aproximar-se da direção do movimento já é algo bem mais raro.

A situação de Carlota, que lhe permite ocupar um espaço de destaque nessa conjuntura excepcional, e que será por ela reforçada, graças ao comprometimento e à competência dos quais dá provas, se deve a uma combinatória de elementos. Em primeiro lugar, seu prestígio junto às instituições filantrópicas existentes na cidade já se encontra confirmado em 1932; além disso, médica desde 1926, seu nome já é reconhecido pelas elites locais, e ela atende uma clientela significativa em seu consultório

---

Cardoso, 1932, pp.14-17 e 112-113; *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*, Assembléia Nacional Constituinte, Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1934, Título III – “da Declaração dos Direitos” –, Capítulo I – “dos Direitos Políticos” –, artigos 108 e 109.

particular. Enfim, para além da reputação pessoal que pôde construir desde o início de sua carreira, sua origem social e seu nome de família são elementos fundamentais para explicar a posição que conquista. Pois ela não pode ser separada da herança desse nome, dessa origem, do fato de pertencer a uma ilustre família da elite paulista, contando com políticos influentes entre os ascendentes, freqüentando algumas das casas mais ricas da cidade, por parentesco próximo, distante ou por amizade. Ela já pode ser conhecida e identificada antes mesmo de se construir publicamente, antes mesmo de se fazer conhecer. E Carlota não trai tal patrimônio, elemento determinante de sua identidade. Bem ao contrário, se ela rompe inúmeras barreiras, o faz sem nunca dessolidarizar-se do grupo ao qual pertence, que este seja familiar ou social.<sup>3</sup>

Chegado o momento eleitoral, a oposição a Vargas e a perspectiva de retorno ao poder reúnem de maneira eficaz as diferentes facções políticas da elite paulista.<sup>4</sup> Surge então a Chapa

---

<sup>3</sup> Porém, o capital familiar não se apresenta sempre como um trunfo no caso de uma mulher de elite que procura construir sua identidade pública. Para Carlota, não houve ruptura e se tal capital reforça de alguma forma sua identidade pública, ele encontra-se também reforçado pela respeitabilidade e pelo prestígio nada desprezíveis que ela adquire. Assim, dependendo da forma em que cada uma negocia sua entrada no espaço público, e dos campos de atuação escolhidos, uma dessolidarização familiar pode existir, causando isolamento e ostracismo social. Sobre custos e riscos na entrada das mulheres de elite no domínio público de atividades, entre estratégias pessoais e determinações sociais, ver SCHPUN, Mônica Raisa. *Les Années folles à São Paulo: hommes et femmes au temps de l'explosion urbaine (1920-1929)*. Paris, l'Harmattan/IHEAL, 1997, pp.101-142 e "Entre privé et public: partage de genres à São Paulo dans les années vingt". *Histoire et Sociétés de l'Amérique Latine*, Paris VII/CNRS, n° 3, pp.137-159 maio de 1995.

<sup>4</sup> Sobre as relações entre Vargas e os "paulistas", seus conflitos, aproximações e entendimentos, ver BORGES, Vavy Pacheco. *Tenentismo e revolução brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1992. Sobre um aspecto interessante da reconversão operada por essas elites no pós 1930, especialmente quanto a uma fração delas próxima a Carlota, o chamado "grupo do *Estado*", ver CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. *A Universidade da Comunhão Paulista (o projeto de criação da*

Única por São Paulo Unido!”, cujos 22 candidatos são escolhidos da seguinte maneira: uma comissão de cinco membros, dita Comissão dos Cinco, representa as cinco organizações que compõem a frente criada – a Associação Comercial, a Liga Eleitoral Católica (LEC), a Federação dos Voluntários (da Revolução de 1932) e, evidentemente, o PRP e o PD. Cada representante da comissão apresenta uma lista com dez nomes e, do conjunto de cinquenta candidatos propostos, são escolhidos os definitivos.<sup>5</sup>

A inclusão de Carlota entre os candidatos da “Chapa” dá-se, em primeiro lugar, através da lista da Associação Comercial que recebe sugestões, entre outros, da recém-fundada Associação Cívica Feminina (ACF). Esta, de cujo Conselho Carlota faz parte, realiza sessão extraordinária dia 30 de março de 1933 e apresenta sua candidatura, defendendo assim a idéia de que uma representante feminina deve integrar a Chapa Única. Além dessa indicação, outras treze associações femininas vêm reforçar o mesmo raciocínio.<sup>6</sup>

---

*Universidade de São Paulo*. São Paulo, Editora Autores Associados/Cortez Editora, 1982.

<sup>5</sup> Para os cinquenta nomes apresentados à Comissão dos Cinco, e a deliberação final desta, ver *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 12.04.1933; e *A Noite*, Rio de Janeiro, 13.04.1933.

<sup>6</sup> A Associação Comercial representa não somente o comércio, mas também as “classes conservadoras”, ou seja, industriais e membros da cafeicultura. Ela exerce um papel-chave, coordenando as negociações em torno da composição da Chapa Única. Cf. GOMES, Angela Maria de Castro, LAHMEYER, Lúcia e COELHO, Rodrigo Bellingrodt Marques. *Revolução e restauração: a experiência paulista no período da constitucionalização*. In: GOMES, Angela Maria de Castro (coord.) *Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, p.273. As outras treze associações femininas que sugerem o nome de Carlota são: Associação Feminina Beneficente, Cruzada Pró-Infância, Maternidade de São Paulo, Sociedade de Assistência aos Lázaros, União Universitária Feminina, Frente Única da Mulher Brasileira, Associação Infantil Protetora, Federação Internacional Feminina, Sociedade Pró Arte Moderna, Instrução Artística do Brasil, Sociedade de

Carlota Pereira de Queiroz

Durante a campanha eleitoral, a ACF atua ativamente no alistamento feminino e na defesa da candidatura de Carlota. Dirigem-na, desde a primeira gestão, um grupo de mulheres que lhe são muito próximas, como sua diretora, Olívia Guedes Penteado, as conselheiras Guiomar Novaes e Nair Mesquita e, dentre as sócias-fundadoras, Pérola Byington e Luiza Gama Cerqueira de Carvalho, que redige os estatutos da organização. Após a fundação, institui-se também um Conselho Masculino, com nomes conhecidos. Figuram aí alguns dos futuros companheiros de bancada de Carlota, como Carlos de Moraes Andrade e José Carlos de Macedo Soares, sendo este último diretor de destaque da Associação Comercial.

O nome de Carlota também é proposto à Comissão dos Cinco pela Federação dos Voluntários, nova força política do Estado.<sup>7</sup> De fato, dos 22 membros da Chapa Única, 3 são indicados exclusivamente pela Federação dos Voluntários, e eleitos; e 9 são indicados pela Federação junto com alguma das outras forças políticas envolvidas (PRP, PD, Associação Comercial ou LEC), 8 dos quais se elegendem.

---

Assistência aos Exilados Políticos e Suas Famílias, Associação Sanatório Santa Clara e Vanitas. QUEIROZ, Carlota Pereira de. Entrevista. Manuscrito, s/d, p.3.

<sup>7</sup> “Além destas duas forças incontestes [PRP e PD], São Paulo ganhara mais uma importante organização política, a Federação dos Voluntários Paulistas (...). Tendo-se articulado imediatamente após a derrota de 32, a Federação dos Voluntários procurara unir os ex-combatentes, mantendo vivos os ideais da Revolução Constitucionalista e iniciando um movimento de oposição ao então governador militar Waldomiro Lima. (...) Desta forma, a Federação afirmava-se como uma importante e ativa corrente de opinião no estado, e mesmo sem assumir a forma de partido político expandia-se e formava núcleos em diversos municípios e distritos do interior. Qualquer iniciativa de composição de grupos políticos em São Paulo em torno da defesa dos ideais constitucionalistas e da oposição ao governo de Waldomiro Lima teria, necessariamente, que considerar a Federação dos Voluntários e sua proposta de renovação política.” GOMES, Angela Maria de Castro, LAHMEYER, Lúcia e COELHO, Rodrigo Bellingrodt Marques. *Revolução e restauração...* Op.cit., p.269. Carlota Pereira de Queiroz pertence a Central da Federação dos Voluntários (C.O.P), pedindo licença do cargo, em janeiro de 1934, para cumprir seu mandato no Legislativo.

Assim, os principais apoios recebidos por Carlota Pereira de Queiroz vêm, de um lado, das novas expressões políticas emergentes e, de outro, das lideranças femininas e feministas da época, como veremos adiante. Algumas vezes, os dois vetores se cruzam, como é o caso da ACF que, feminina, é fruto da mobilização cívica de 1932.

### **Só ou bem acompanhada?**

A eleição de Carlota resulta desta intrincada rede de ações e relações, num contexto muito marcado pelo regionalismo paulista, no qual as elites políticas locais jogam todas as cartas para retomar posições de poder. Porém, no seu caso, além da luta política tradicional, das dificuldades e arranjos, dos obstáculos e acasos impostos a todos por um sistema eleitoral complexo, existe um fator suplementar que particulariza sua vitória: ela é a primeira e única mulher nesse caso, e é mulher. Isso muda tudo. Sua experiência apresenta um interesse histórico e social que ultrapassa os meandros da história política e abre-se a uma reflexão de história cultural da política. Ela toca o domínio complexo das representações sociais do feminino, do masculino, e do político. Pois apesar de ser mulher, e mesmo a única mulher na Assembléia Nacional Constituinte, é antes de mais nada com os homens que Carlota fará sua política – como já era principalmente com eles que fazia sua medicina.

Segundo as vozes masculinas (que pude ouvir em entrevistas, ou que se pronunciam na época), a misoginia parece não fazer definitivamente parte das relações estabelecidas entre Carlota e seus colegas. Segundo Carlota, aparentemente também não. Ao falar de sua experiência política, ela sempre afirma ter sido recebida na Constituinte, na Câmara Federal e nos diversos partidos nos quais militou como um igual, sem jamais ter sido vítima de qualquer atitude misógina ou que visasse excluí-la de seu campo de ação. Mesmo as pessoas mais próximas a ela, membros de sua família, sempre acreditaram que tudo se passasse

Carlota Pereira de Queiroz

num ambiente de grande cavalheirismo. Pouquíssimas referências desmentem tal imagem, extremamente otimista, da qual devemos evidentemente desconfiar. Nesse sentido, num documento privado, deixado por Carlota, encontram-se informações tão raras quanto eloqüentes.

Em outubro de 1935, uma delegação oficial é designada para representar o Partido Constitucionalista em Porto Alegre, durante as comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha. Além de Carlota Pereira de Queiroz, fazem parte da comitiva dois outros correligionários. A missão é politicamente delicada e os “paulistas” sabem disso. Para a ocasião, Carlota escreve um pequeno diário que começa com a descrição da sua primeira viagem de avião. Ao que parece, este foi o único diário que escreveu.<sup>8</sup> Começando a narrativa pela decolagem, ela descreve a aventura do vôo e, depois, durante toda sua estada no Sul, refere-se em detalhes ao tratamento que lhe é dedicado pelos demais membros da comitiva e por outros colegas presentes às comemorações gaúchas. As primeiras observações que nos interessam datam da chegada a Porto Alegre, após uma viagem de quase 6 horas:

1.10 Chegada  
Cais Umbelina  
Ninguém.  
Vou até o Araraquara com A.  
São 2hs. Nada de gente.  
Às 2.20 saio p<sup>a</sup> almoçar telegrafar e cuidar da volta.  
Que gente hospitaleira... Que bons companheiros...  
Confesso que tive um momento de grande arrependimento. Se não fosse domingo, agências fechadas, seria capaz de voltar no calcanhar.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Ou, ao menos, o único que, além de ter sido cuidadosamente guardado entre os documentos que Carlota colecionou ao longo de sua vida, sobreviveu a um incêndio ocorrido em seu apartamento.

<sup>9</sup> Diário de viagem ao Rio Grande do Sul, outubro de 1935, manuscrito.

Inúmeros episódios existem, acumulando uma série de conflitos que passam a ocupar o centro da narrativa. A tensão aumenta progressivamente, chegando a tomar dimensões importantes. Descortina-se então a existência de uma problemática menos circunstancial, que dá pretexto às últimas reflexões de Carlota, citadas no final dos trechos a seguir. Estes exprimem bem a evolução do problema e a visão da narradora:

Quando eu entrei na sala ouvi o L. falar em D. Carlota e me aproximei. Perguntei o que queriam de mim. Foi um frio geral, ninguém deu explicações, todos pareceram estar com raiva de mim. Nisso, vira-se o Ar. e diz “Então a senhora não quis ir a Uruguayana?” Eu, que já danára daquelas resoluções da comitiva à minha revelia, sempre me deixando à margem, aproveitei para dizer: ‘Eu não soube de nada, o L. me falou em ir a Caxias, ontem o S. me disse que iam a Uruguayana, mas ninguém me convidou. Diz o S. que não havia mesmo lugar tanto que ele nem fora; “sobrei” foi a expressão de que usou. (...) e o S. ainda terminou dizendo que de certo lá me esperavam, porque tinham tido uma grande manifestação do elemento feminino. A minha raiva ainda se acentuou com isso. Sempre me sentia à margem da comitiva.

Foi esse o maior desaponto da minha viagem. Acabei por me convencer de que o fim da minha vinda para eles foi apenas decorativo, nunca me consideraram membro da comitiva. Tanto assim que era um jantar oferecido pela delegação do pavilhão paulista à comitiva e eu fiquei de fora. No momento em que subimos servia-se o peru. Era um jantar de umas 30 pessoas pelo menos. Saiu o L. e eu tratei-o como uma cadeira. Nem olhei para o lado onde estava. (...) Pedi para passar no Gr<sup>de</sup> Hotel para ver se por acaso tinha lá convite para esse jantar. Nada havia.

(...) a falta de atenção foi grande demais para eu suportar calada. Já faço muito em não me humilhar queixando-me, mas quero que percebam.

Carlota Pereira de Queiroz

Com o tempo, eles hão de aceitar a companhia da mulher e tratá-la como correligionária. Estamos ainda na primeira geração. Quando elas forem mais numerosas terão de ceder. Eu sofro, mas por uma causa que terá de vencer.<sup>10</sup>

Essa longa série de citações inspira uma outra, de observações. Em primeiro lugar, podemos fazer uma constatação, que não é explicitamente feita por Carlota: sua presença incomoda realmente e os boicotes sucessivos impostos abertamente por seus colegas, como no exemplo acima, indicam-no bem. Porém, sua presença não incomoda todos igualmente, mas sobretudo aqueles que são oficialmente seus colegas, com quem ela convive ou compete. Pois, segundo sua narrativa, os gaúchos dão-lhe inúmeras provas de respeito e admiração. Em nome dos demais estados da Federação, é ela quem discursa na Assembléia Estadual, a pedido de líderes locais.<sup>11</sup> Além disso, passeia toda uma tarde com Getúlio e a esposa, e recebe inúmeras homenagens. Nas festividades das quais não é excluída, pela sua descrição, as companhias nunca faltam, e não são companhias, digamos, de segunda importância. Ela tem seu prestígio e seu nome reconhecidos. Tudo isso não parece passar despercebido a esses seus colegas, que não hesitam em boicotá-la.

Em segundo lugar, ela não se queixa, o que a seu ver seria humilhante. Aí se desenha uma relação de poder. Seus colegas sabem que reclamar seria tornar pública uma situação que Carlota não quer exhibir, da qual se envergonha. A coragem das iniciativas de boicote vem aliás justamente dessa certeza prévia do silêncio do outro. (Silêncio que, se rompido, pode transformar-se,

---

<sup>10</sup> Id., ib.

<sup>11</sup> “O J.C. e o S.L. vieram me pedir para responder na Assembléia amanhã. Não posso negar e por isso vou interromper essas notas. São 1 da manhã. Vou escrever.” Id., ib. Após o discurso emocionado de Carlota, os presentes aplaudiram de pé, longamente. Para a íntegra do discurso, ver *Diário Oficial*, Porto Alegre, 7.10.1935.

imediatamente, graças a estereótipos misóginos, em tagarelíce, invenção fantasiosa, etc.) O resultado reforça então a relação de poder: Carlota se cala e eles a privam de uma participação integral.

Enfim, uma última observação refere-se às intervenções abertamente misóginas e um tanto vulgares do colega P.:

Estou certa de que os três aqui são contra a candidatura feminina. Aliás, o P., em tom de graça, já por duas vezes disse em rodas que ia casar a mulher paulista com o herói de 32. Suponho que é enterrá-la num monumento. E o maior espírito consiste em provar que perdeu a revolução por causa da Mulher Paulista. E que banalidade. As calças que recebiam eram tão mal cozidas que se abriam e o soldado não podia lutar porque estava imoral. Repetiu isso no almoço e os gaúchos voltaram-se para mim, antegozando a polêmica. Não me dei por achada e desconversei. Talvez me achem sem presença de espírito, mas prefiro isso a dar espetáculo aos gaúchos, ainda mais sobre revolução paulista.<sup>12</sup>

Coube evidentemente às mulheres ocupadas nos ateliês de costura, fazendo calças e outras peças de vestuário para os soldados, aquela parte menos gloriosa do trabalho, da qual os homens puderam escapar e mesmo rir depois. Porém, apesar do caráter indispensável dessas tarefas, elas não ocuparam todas as mulheres. Carlota Pereira de Queiroz, por exemplo, participou da mobilização de uma forma bem mais prestigiosa, apesar de que, para seu colega P., todo trabalho feminino em 1932 se traduza pela costura – mal feita – das calças. Não há, evidentemente, nada de gratuito no fato de que a piada seja feita na frente da colega de bancada, que construiu sua carreira pública a partir de 1932. Ter Carlota a seu lado, com o mesmo estatuto oficial, parece incomodar particularmente esse colega. Mais uma vez

---

<sup>12</sup> Diário de viagem ao Rio Grande do Sul, outubro de 1935, manuscrito.

Carlota Pereira de Queiroz

estabelece-se uma relação de forças pois, à fala masculina, corresponde o silêncio feminino. E a coragem se deve à certeza da ausência de resposta. Carlota não se rebaixa e, única mulher em meio aos homens, deixa a P. a última palavra.

O humor misógino é muito similar, neste ponto, ao humor racista ou anti-semita, todos discursos que não produzem contradiscurso, que fazem rir e não são contraditos. Isso porque a armadilha que impõem é a de que, respondendo, o sujeito visado coloca-se em posição de inferioridade, pois assume explicitamente o papel da personagem que faz rir. O silêncio poupa-o assim da iniciativa dessa identificação, mas não evita a armadilha pois, ainda que calado, o sujeito visado deixa-se igualmente identificar, tanto pelo autor da fala, quanto por seus parceiros de riso e pela exclusão que a situação mesma do riso impõe: ele – ou ela – é o único que não ri, ou que, rindo, ri de si mesmo.

P. não foi certamente o único autor de anedotas misóginas sobre as mulheres em 1932, e nem Carlota a única vítima. Porém, sua visibilidade pública e o fato de não ter-se limitado a papéis menores, ditos femininos, tendo-se, ao contrário, aproximado dos espaços masculinos, faz de Carlota um alvo privilegiado. Pois, falando dela, os discursos misóginos falam a todas, mostrando o preço a pagar e as vantagens do recato – do recuo –, da permanência nos espaços menos visíveis do social, ou seja, espaços privados, femininos. Quanto a isso, um parente de Carlota conta o seguinte:

A senhora sabe que ela não tinha atrativo físico, né? Não, era feia. Não tinha atrativo físico algum. Mas, quando se manifestava, era brilhante. Tinha uma inteligência privilegiada e uma cultura muito extensa. Eu me lembro até de uma coisa engraçada que havia depois da revolução na revista humorística, no jornal humorístico chamado *A Manhã*. E veio então num desses números do jornal o retrato dela, e embaixo escrito: “Dizem que São Paulo perdeu a revolução por falta de armas, mas estamos vendo que lá havia cada canhão!”. A senhora sabe: as mulheres

feias são apelidadas de canhão. Não sabia disso? É, canhão...  
“havia cada canhão!” [riso] e o retrato de Carlota, né? Sem o  
nome dela... só podia reconhecer quem a conhecia pessoalmente,  
né?<sup>13</sup>

Escapou ao entrevistado o fato de que Carlota era conhecida publicamente, por fotos publicadas nos jornais e por sua presença freqüente nos espaços públicos. A identificação da foto com uma legenda torna-se então realmente inútil e o riso pode socializar-se. A vulgaridade e a eficácia inseparáveis desses discursos explicam plenamente, a meu ver, porque Carlota ocultou com tanto cuidado as dificuldades advindas da misoginia reinante. Sem contar que qualquer publicidade dada, por ela, a comportamentos deselegantes da parte de seus colegas poderia custar-lhe sua posição, tão prestigiosa quanto frágil.

### **Só ou mal acompanhada?**

Apesar das manifestações de misoginia das quais Carlota Pereira de Queiroz deixou seu testemunho, e de outras tantas, que devemos imaginar, sua carreira política é uma realidade. As lideranças políticas, sempre masculinas, junto às quais atua, não recusam sua colaboração, percebendo nesta vantagens políticas significativas. Ela tem inegavelmente seus trunfos.

Os “paulistas” que dirigem a política estadual na época lutam ferozmente para recuperar posições de mando a nível nacional e para gerir autonomamente os interesses estaduais. Isso toma colorações extremamente regionalistas que se intensificam com a Revolução de 1932.

Nesse contexto, o prestígio de ser membro de uma “antiga família”, termo corrente na época, como é o caso de Carlota, e a lealdade que isso pode implicar, são fatores nada desprezíveis. E Carlota promete tal lealdade, passando as lutas travadas pelas

---

<sup>13</sup> Entrevista, 31.03.1996.

lideranças políticas ao primeiríssimo plano. Ela acredita profundamente nos ideais constitucionalistas e os defende num comprometimento publicamente visível. Uma vez eleita, ela atua politicamente em bloco, sem fissuras, com o grupo político ao qual pertence. Seus correligionários não podem menosprezar sua cumplicidade, nem o prestígio social de sua identidade pública, construída no assistencialismo, na medicina, mas também na política. Além disso, eles contam com a certeza primordial de que, mesmo falando para o eleitorado feminino, bastião que explora particularmente, Carlota fala, enquanto mulher, com a voz do partido que representa – e não, ao contrário, enquanto membro do partido, tomando a voz das mulheres, fato que os teria desagradado tanto quanto contentado as feministas.

Passando então à segunda questão levantada aqui, existem vínculos significativos entre as relações de Carlota Pereira de Queiroz com seus colegas homens e com as feministas. Pois, apesar de toda e qualquer dificuldade enfrentada por Carlota ao longo de sua carreira política, causada pelo fato de ser mulher, em nenhum momento ela se declara feminista, nem se alia politicamente às líderes desse movimento, que lhe dão apoio e rendem-lhe diversas homenagens.

O espaço ocupado por Carlota na Constituinte e na Câmara Federal é algo inédito para uma mulher, carregado de um grande valor simbólico. Até então, as mulheres brasileiras, sem o direito de voto e de elegibilidade, encontram-se excluídas dos espaços de decisão política.<sup>14</sup> Porém, isso não significa que elas não façam política. As sufragistas da FBPF, sob a liderança de Bertha Lutz, ocupam de diversas formas a cena política durante toda a década de vinte, aproximando-se inclusive dos espaços masculinos de debate, quando os projetos de lei tratando do voto feminino são discutidos ou votados por deputados e senadores. Elas vão à

---

<sup>14</sup> Exceto pelas experiências pioneiras de alguns estados, a começar pelo Rio Grande do Norte, que concedem o direito de voto às mulheres no final da década de vinte.

imprensa, conversam, discutem, reivindicam, fazem-se ouvir sempre que possível, construindo um espaço político que lhes é próprio. Além disso, utilizam meios de negociação e de publicidade que não se distinguem essencialmente daqueles empregados por seus colegas homens no jogo político. Entretanto, elas não podem participar dos partidos existentes nem dos conflitos eleitorais, ou ainda exprimir opiniões e preferências, votando em um determinado candidato, e não em outro. Assim, para as feministas, os anos 1932-33 têm uma importância toda particular. Se, em 1932, com a inclusão do voto feminino na nova Lei Eleitoral, elas vêem concretizada mais de uma década de lutas, inicia-se aí uma nova fase de composições, de compromissos e arranjos. O novo objetivo é levar à Constituinte alguns nomes femininos, a seus olhos representativos dos interesses feministas, para deixar impressas na nova Carta Constitucional algumas das melhorias que reivindicam.

Agindo no Rio, Bertha Lutz e suas correligionárias esforçam-se por mobilizar ao máximo seus contatos políticos, não somente para manterem-se informadas dos bastidores da política, como também para negociarem seu espaço. Elas entram então em contato com alguns nomes de destaque da sociedade paulista, ainda marcada pelo esforço cívico feminino de 1932. Evidentemente, Carlota Pereira de Queiroz toma parte na liderança de toda e qualquer mobilização cívico-política das mulheres paulistas que se segue à Revolução. Quanto a isso, algumas cartas endereçadas a ela por Bertha Lutz ajudam a compreender o que essas mulheres pretendem, o que acreditam ser possível conquistar, sua visão sobre a conjuntura política e, principalmente, respondendo à questão principal colocada aqui, como se estabelece a relação entre as feministas e a futura constituinte paulista.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Tendo consultado somente a coleção Pereira de Queiroz, tenho acesso à correspondência passiva de Carlota, mas não às cartas que esta teria enviado a Bertha das quais, até o momento, não tenho qualquer informação.

O tom geral das cartas de Bertha é amigável, indicando uma relação próxima<sup>16</sup> e preocupações comuns que, em alguns casos, se concretizam no envolvimento de ambas num mesmo projeto, como o da criação de um Museu da Infância, em São Paulo. Mesmo nas cartas que precedem a eleição, onde essa torna-se o tema principal, Bertha faz referências ao museu.

Porém, para além de uma possível amizade entre as duas, Bertha tem preocupações políticas importantes, ligadas às possibilidades abertas pelo novo Código Eleitoral e pela convocação da Assembléia Nacional Constituinte. Daí seu interesse pela evolução dos acontecimentos em São Paulo, foco de uma real mobilização feminina. A fundação da ACF, em dezembro de 1932, parece-lhe a via certa para um trabalho conjunto. Assim, em carta datada de 30 de janeiro de 1933, lança propostas precisas no sentido de uma real colaboração entre a FBPF e a ACF. Consciente da força do regionalismo reinante em São Paulo, chega a dizer que as ativistas dos dois estados seriam paulistas: ela – nascida em São Paulo –, trabalharia no Rio, e Helena Gordo, seu contato em São Paulo, trabalharia junto à própria Carlota e a Olívia Guedes Penteado (“d. O.”). A seu ver, o trabalho consistiria numa campanha de educação cívico-política da mulher, e na realização da tarefa prática e urgente de organizar o alistamento: “O alistamento deve ser feito ‘para a defesa da criança e da mulher’ – o que a ninguém assustará.”<sup>17</sup>

Bertha é uma observadora atenta dos rumos da política e da movimentação em torno das futuras eleições. Assim, vendo no trabalho com a ACF uma possibilidade real de concretização dos ideais que defende, está consciente de que a Associação das paulistas é o resultado de uma mobilização política significativa e que Carlota é aí um nome-chave. Nesse contexto, em fevereiro ela vai a São Paulo e é recebida por Carlota, que lhe organiza

---

<sup>16</sup> Não se pode esquecer que Carlota estudou Medicina no Rio, tendo morado ali de 1923 a 1926.

<sup>17</sup> Carta de 30.01.1933.

encontros com as lideranças femininas da cidade. Estas oferecem-lhe uma bandeira de São Paulo.<sup>18</sup> Em duas cartas escritas após sua volta ao Rio, Bertha mostra-se extremamente agradecida e entusiasmada:

Minha Querida Carlota

Tencionava escrever uma carta longa e nela expandir-me longamente, sobre a impressão magnífica de dinamismo e elevação idealista que trouxe da nossa terra, da sua mocidade e da sua população feminina, à qual cabe hoje o papel de reconstrução da vida nacional.

Quizera dizer também mais uma vez a impressão profunda que trouxe da liderança da A.C.F. e da presidente, alma feminina de raro escólo. Era igualmente meu plano incluir um cartãozinho de agradecimentos a todas as que assinaram a lista e me ofereceram o símbolo pelo qual unida trabalharei com vocês todas, sem desfalecimentos e sem medir sacrifícios.

Disponham de mim.

(...)

Nunca tive a honra e a alegria de ser tão bem cuidada, como nas suas mãos, e de encontrar uma tarefa tão suavizada, como a minha pela presença de um cérebro, uma inteligência e uma amizade igual às suas.

Como vai? Eu tenho sentido muitas saudades suas e você tem me feito muita falta, não só pela gentileza com que

---

<sup>18</sup> Aparentemente, a oferta é uma iniciativa de Carlota; a lista com os nomes é escrita por ela, à mão, com os seguintes nomes: Elisa Botelho, Olívia Penteadó, Pérola Byington, Edith Capote Valente, Nísia Capote Valente, Elisa Quadros, Carlota Pereira de Queiroz, Albertina Gordo, Alice Tibiriçá, Branca Couto e Mello, Clotilde Kleiber, Annita Malfatti, Zizi Moreira, Maria Luiza Pereira de Queiroz, Maria Augusta Costa Leite, Vicentina Carvalho, Marietta Lion, Noemia Nascimento Gama, Miloca N. Vicente Azevedo, Albertina Almeida Prado, Marietta M. Prudente de Moraes, Ophélia Fonseca, Hermínia Pires de Campos, Elisa Rezende Puech, Nair Mesquita, Fany Doria, Cornélia Fagundes, Luizita Gama Cerqueira de Carvalho, Iracema Niebler, Baby Gonçalves, Baby Pereira de Souza Jordão, Zenaide Andréa. Manuscrito, s/d.

Carlota Pereira de Queiroz

você se dedicou inteiramente à minha pessoa, o que em si já me teria tornado muito grata, mas principalmente pela grande satisfação de ter numa criatura amiga, um cérebro de escól e uma personalidade simpática, leal, forte e aguerida, permitindo avaliar e pesar atos, fatos e pessoas e estabelecer orientações e diretrizes.<sup>19</sup>

Quanto à questão das eleições, é preciso lembrar que, devido à Revolução de 1932, a participação de São Paulo na Constituinte fica comprometida até janeiro de 1933, quando acaba sendo confirmada por resolução do Superior Tribunal de Justiça. Assim, as negociações só se efetivam pouco antes do escrutínio: o Partido da Lavoura é criado em março e a aliança PRP-PD efetiva-se no final do mesmo mês sendo tomada, logo em seguida, a decisão de reunir as forças paulistas de oposição em torno de uma frente única. Assim, mostrando-se extremamente interessada e preocupada em não se deixar ultrapassar pelos acontecimentos, Bertha envia telegrama a Carlota logo que a iniciativa concretiza-se e que todos mobilizam-se em torno da composição da Chapa Única: “Essencial associações femininas todo estado consigam uma vaga candidatura feminina conchavos abraços Bertha.”<sup>20</sup>

Quanto aos “conchavos”, não sabemos se o nome de Carlota já está sendo cogitado entre as lideranças femininas antes de ser oficialmente lançado pela ACF. Faltam documentos sobre as negociações em São Paulo, onde Carlota Pereira de Queiroz,

---

<sup>19</sup> Cartas de 15 e 19 de fevereiro de 1933.

<sup>20</sup> Telegrama, 25.03.1933. No dia anterior, Bertha havia escrito uma carta onde também aborda esta questão: “Agora o que acho essencial é vocês tentarem o quanto antes uma manobra junto a todos os partidos para que no conchavo que propalam que se fará em S. Paulo, se dê um lugar a uma representante feminina. (...) Aqui vamos procurar obter apoio para uma. Em Pernambuco está lançada uma candidatura feminina. Peço que você reúna o pessoal mais inteligente, e as senhoras ilustres como D. Olívia, Luisita, Perola, etc e vejam se não seria boa idéia pedirem a todos os grupos que entre uma mulher no conchavo”. Carta de 24.03.1933.

Olívia Penteado e outras podem encontrar-se pessoalmente, falar por telefone, sem necessitarem do recurso às cartas.

Porém, se fica difícil acompanhar os acontecimentos em detalhes, temos algumas informações significativas, e algumas pistas ainda em aberto. Graças a algumas cartas de Bertha, sabemos por exemplo que Carlota não foi a primeira candidata cogitada e que suas aliadas, dentre as quais a própria Bertha, tiveram que negociar com diplomacia antes de verem sua candidatura oficializada. A 4 de março de 1933, Bertha pergunta:

Que fim levou a candidatura de d. Alice ou antes ainda não se iniciou? Falou com o Assis? Quem sabe se seria melhor fingir não saber de nada e invocar apoio dele para outra de vocês.

O final da carta vem escrito em código:

Peça a Luisita que venha e faça ver o caso de A. Receio uma ligação pelas conterrâneas de Al. e dela com N. e isto pode, no caso, a força dela fazer muito mal a nossa terra.<sup>21</sup>

D.Alice é Alice de Toledo Tibiriçá, presidente das S.A.L. e Defesa Contra a Lepra e da Sociedade de Assistência aos Lázarus de São Paulo. Assis, é Assis Chateaubriand, diretor dos Diários Associados. Ao que tudo indica, Chateaubriand tinha dado seu apoio a Alice, nome que Carlota e seu grupo não aprovam. O maior problema está na força que pode ter um tal apoio, não somente pelo poder pessoal do nome em questão, ou pelo peso da imprensa sobre os acontecimentos em curso, mas também pelas iniciativas tomadas pelos Diários Associados em favor das eleições e, conseqüentemente, pelo respeito e legitimidade que possuem junto à opinião pública.

Os “conchavos” tomam forma. As forças políticas masculinas negociam um equilíbrio em torno dos 22 nomes da

---

<sup>21</sup> Carta de 04.03.1933.

Carlota Pereira de Queiroz

Chapa Única, dividindo entre si uma representação múltipla que respeite tanto os desacordos de princípio quanto os de interesse. Enquanto isso, o esforço das mulheres é outro: elas visam a inclusão de um único nome feminino entre os mesmos <sup>22</sup>. Em nenhum momento vislumbram a hipótese de mais de um nome, e nem sabem se sua aspiração será concretizada. Divergências eventuais parecem-lhes menores frente ao objetivo maior. Assim, graças às cartas de Bertha, vemos que existe uma grande preocupação quanto à estratégia a ser tomada:

Vejo apenas uma dificuldade, a de levar com jeito e diplomacia o elemento que vocês não querem e que precisa tratar docemente, para não hostilizarem vocês pela imprensa.<sup>22</sup>

Você a estas horas já deve ter pensado um pouco no caso da A. Era o que eu receiava – e apoiada em parte da imprensa ela ficará em posição de poder fazer propaganda, vocês ficando sem possibilidade de combater em público – por isso o melhor é impedir cortando pela base, mas não aparecendo quem guerreia, pessoalmente, para o caso de um insucesso.<sup>23</sup>

Apesar de tentarem ganhar espaço e aproveitar das novas circunstâncias, em princípio favoráveis, essas mulheres sabem que o espaço de ação no qual se movem é estreito. Elas devem, a qualquer preço, apresentar-se publicamente como um todo indiviso, as mulheres, alinhadas atrás de uma única representante. Assim, o apoio de Chateaubriand à eventual candidatura de Alice Tibiriçá, é ponto contra o grupo de Carlota. Não somente elas não podem lançar outra candidata mas, pior que isso, se uma

---

<sup>22</sup> Carta datilografada, 30.01.1933.

<sup>23</sup> Carta sem data, escrita “no meio de uma balbúrdia infernal, no posto de alistamento”. Deve datar do final de março, pois fala também de uma convenção que Bertha está organizando no Rio, com datas previstas para 28-31 de março.

discordância desse tipo vem a público, podem ser vistas como contrárias aos ditos interesses da mulher, trazendo a prova cabal de que as mulheres não conseguem mesmo se entender...

Mas o nome de Carlota vai ganhando força, contando com a mobilização de um bom número de mulheres de prestígio, realmente dispostas a ver uma representante feminina sentar-se na Constituinte.

Dois acontecimentos parecem então cruciais para a definição de sua candidatura. Em primeiro lugar, um plebiscito lançado pelo *Diário da Noite* pede à população que indique suas preferências quanto aos integrantes da Chapa Única. Dia 3 de abril, apresentando resultados ainda parciais, o jornal publica um artigo de primeira página intitulado “Dra. Carlota Pereira de Queiroz” e, em tipos menores, “O voto de dona Olívia Guedes Penteado”, lembrando o nome da ilustre senhora paulista, como “candidata do eleitorado feminino”. A foto é de dona Olívia e o jornal abre seu artigo falando do voto dessa outra “ilustre senhora paulista”. Segundo o periódico, o nome de Carlota “está reunindo (...) o maior número de simpatias do eleitorado feminino de S. Paulo”. Segue-se uma pequena biografia muito elogiosa, resumindo principalmente seu itinerário profissional.<sup>24</sup> Ora, o apoio da amiga Olívia Guedes Penteado, é certamente capital para a conquista de um espaço tão concorrido como o dos 22 nomes da Chapa Única. Mas junta-se a isso o próprio prestígio de Carlota, que ocupa cada vez mais a cena política. A título de exemplo, na “Campanha pelo voto”, feita pelo mesmo *Diário da Noite*, ela é chamada a se pronunciar: no dia 30 de março, faz um discurso, transmitido pelo “Jornal Falado” dos Diários Associados e reproduzido nas páginas do jornal. Sob a foto estampada, chama os – e as – paulistas a votarem pelos ideais de 1932.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> *Diário da Noite*, São Paulo, segunda-feira, 03.04.1933, primeira página, “Dra. Carlota Pereira de Queiroz”.

<sup>25</sup> *Diário da Noite*, São Paulo, quinta-feira, 30.03.1933, “A Campanha pelo Voto”. A chamada em negrito do artigo, citando um trecho do discurso irradiado, diz: “Esse voto que nos apontais como sendo garantia do nosso direito

Carlota Pereira de Queiroz

O segundo acontecimento ocorre no dia 8 de abril, três dias antes da divulgação oficial dos candidatos da Chapa Única pela Comissão dos Cinco. Um passo decisivo é dado então pelas articuladoras da campanha de Carlota – especialmente Olívia Guedes Penteado e Pérola Byngton. Nessa ocasião, seu nome já constando das listas entregues pela Associação Comercial e pela Federação dos Voluntários à Comissão dos Cinco, elas decidem lançá-lo publicamente. *O Estado de S.Paulo* publica assim um manifesto intitulado “Mensagem da Mulher Paulista”, que começa dizendo:

Pedem-nos a publicação da seguinte mensagem aos organizadores da Chapa Única e ao eleitorado de São Paulo.

Segue-se um elogio à consciência cívica da “mulher paulista”, fato verificado graças à mobilização em torno do alistamento eleitoral. Porém, tendo em vista seu passado e sua atuação em 1932, é preciso também, segundo as autoras do texto, que esta “mulher paulista” possa participar diretamente dos trabalhos da Constituinte. É assim que, para a representação feminina de São Paulo, propõem o nome de Carlota Pereira de Queiroz. Vem enfim, mais uma vez, um texto biográfico com o resumo de seu itinerário profissional, cheio de louvores, e as assinaturas de apoio, encabeçadas pela de Olívia Guedes Penteado. Faz parte dos primeiros nomes da lista o de Alice Tibiriçá, que acaba apoiando publicamente a candidatura de Carlota.<sup>26</sup>

---

e da nossa liberdade (...) não poderá deixar de ser, nas nossas mãos femininas, um instrumento de justiça”.

<sup>26</sup>Cf. *O Estado de S.Paulo*, 08.04.1933, “A Situação”, “Mensagem da Mulher Paulista”. O texto termina dizendo que a lista de assinaturas fica aberta àquelas que quiserem incluir seu nome, na redação da revista *Vanitas*. Segundo Carlota Pereira de Queiroz, essa lista teria reunido mais de 500 assinaturas (cf. entrevista, manuscrito, s/d). O *Diário de Notícias* entrevista Alice Tibiriçá, “uma das mais

Encontra-se então lançada a candidatura de Carlota Pereira de Queiroz. Tendo viajado ao Rio para assistir a uma convenção organizada pela FBPF (para a qual Bertha convida com insistência Carlota e seu grupo), Luizita Gama Cerqueira de Carvalho, a única do grupo que responde ao convite, escreve uma carta à sua amiga:

A notícia da sua candidatura foi recebida com grande prazer e ela [Bertha Lutz] acha que devemos trabalhar sem esmorecimento pela sua votória.

Reconhece que o ambiente ainda é muito desfavorável à mulher; mas não compreende absolutamente a atitude da Associação [Cívica Feminina] que já devia estar em campo por você.

É da mesma opinião que D. Olívia: ou nenhum candidato, ou apenas um nome feminino.

Ela me disse também que D. Alice era realmente a candidata do Chateau; mas que o capitão J.A.<sup>27</sup> não simpatizou com a idéia e declarou ser francamente contra. Assim, ela pensa que o nosso amigo não irá se incompatibilizar ainda mais com ele, por uma pessoa que afinal não o interessa profundamente.

Por esse lado, ela julga a concorrência afastada. Mas admite perfeitamente a idéia de você estar sendo combatida, não por princípios, mas por despeito de

---

expressivas figuras do mundo feminino”, publicando sua foto e declarações em prol da candidatura de Carlota. No final do artigo, “*Diário de Notícias* perguntou a d. Alice Tibiriçá se, de encontro ao desejo de outras arregimentações que sempre lhe homenagearam os méritos, repeliaria a apresentação de seu nome.

Sorrindo um sorriso franco – não o clássico sorriso das entrevistas – a distinta dama respondeu:

–“Quero reservar-me o prazer de bater palmas às vitórias dos outros. Basta-me ainda a alegria de um trabalho silencioso, desenvolvido em vários anos, dando os frutos que hoje ninguém deixa de apreciar. A encosta da montanha ainda tem seus encantos...”. *Diário de Notícias*, São Paulo, s/d, “A Mulher na Constituinte”.

<sup>27</sup> Trata-se talvez das iniciais de João Alberto, líder tenentista então chefe de polícia do Distrito Federal.

Carlota Pereira de Queiroz

diversas companheiras nossas. É um ponto de vista que considero justo; mas procurei explicar o caso por outra forma.

(...)

Vou pedir à Bertha que escreva hoje mesmo ao Chateau, à D. Alice e às outras que ela julgar necessário.<sup>28</sup>

Assim, à mobilização e ao prestígio do grupo que apoia Carlota soma-se o enfraquecimento de uma possível candidatura feminina apoiada por Assis Chateaubriand. E, no dia 11 de abril, o anúncio da composição da Chapa Única feito pela Comissão dos Cinco inclui o seu nome.

## Só

A 3 de maio de 1933, o eleitorado feminino pode, enfim, pela primeira vez na história brasileira, manifestar-se nas urnas em nível nacional. Mesmo se as mulheres não têm obrigação de fazê-lo, o que muda tudo: elas têm, espontaneamente, que se alistar antes do pleito, caso tenham vontade de participar. Nesse sentido, ao lado dos conchavos e da ação das lideranças femininas para garantir uma candidatura que lhes pareça representativa, existe também o já mencionado enorme trabalho de alistamento, a ser feito no país inteiro. A FBPF trabalha muito neste sentido e Bertha dá conselhos a Carlota, em suas cartas, sobre a estratégia que deve adotar a ACF. As líderes dessa mobilização sabem que aquelas que não tiverem seu título de eleitor não poderão votar; o alistamento é, aliás, um dos grandes motores da criação da ACF.

Tanto as paulistas quanto as cariocas encontram-se orgulhadas nesse trabalho, quando vem à tona um conflito que aparentemente surpreende as feministas. É o momento em que Carlota começa a tomar mais a palavra e a tornar públicas suas idéias e posições, dirigindo-se aos eleitores e principalmente às

---

<sup>28</sup> Carta de 05.04.1933.

eleitoras. Pouco antes das eleições, uma nova carta de Bertha aborda pela primeira vez a questão:

Como vai aí de propaganda e de resultado? Sei que sua vitória é certa e fico muito satisfeita com isso. Espero entretanto que você dê apoio ao programa feminista, não é assim?

Ainda não li a entrevista que você deu, mas soube que você teve a gentileza de falar em mim. Algumas ficaram um pouco sentidas, por você não se ter declarado feminista, porque para nós a entrada da mulher na Constituinte representa o resultado de 14 anos de luta. (...) e afinal o que se precisa é defesa da Mulher.

Mas eu tenho certeza que você será um baluarte feminista, não é assim?

Tenho-o dito aqui à imprensa com moderação, às colegas com entusiasmo. Tenho recebido aplausos à minha candidatura de S. Paulo e tenho pedido a todos que votem em você, já que o entusiasmo deles deve beneficiar uma mulher.<sup>29</sup>

Fica difícil datar exatamente essa carta, pois Bertha faz referência, no início, a uma longa carta e a um telegrama que teria enviado antes a Carlota, e estes não foram localizados. Apesar disso, diz que contava, em ambos, não ter podido “ir à estação ver Luisita”. Luisita esteve no Rio no início de abril. Quanto à entrevista da qual fala Bertha, também não foi possível encontrá-la, pois se existem algumas dessa época, nenhuma faz referência a seu nome, como ela indica na carta. Esse ponto é delicado: caso Carlota tenha realmente feito uma referência ao nome de Bertha, estaríamos diante de declarações fora do tom geral de seus discursos e entrevistas. Efetivamente, a partir do momento em que seu nome é lançado – e mais ainda depois de ser oficialmente anunciado ao lado dos outros membros da

---

<sup>29</sup> Carta, s/d.

Carlota Pereira de Queiroz

Chapa Única –, sua voz começa a ser mais solicitada pela imprensa e ela produz inúmeros textos (discursos, entrevistas, depoimentos). Nestes, explicando e justificando sua candidatura e, mais tarde, sua eleição, Carlota confirma as preocupações de Bertha e das demais feministas, expressas pela primeira vez na carta citada acima. Assim, dia 12 de abril, a *Folha da Noite* publica as primeiras declarações de Carlota Pereira de Queiroz, oficialmente candidata desde a véspera. Apesar de não fazer nenhuma menção ao nome de Bertha, Carlota já exprime aí o que será para ela, até o final de sua carreira política, o seu papel enquanto mulher e representante das mulheres:

A minha candidatura (...) não é senão uma nova conquista da mulher bandeirante.

Mulher que vem atravessando, vencedora e gloriosa, esta jornada de civismo, que se iniciou a 9 de julho. E que tem evidenciado, em toda a sua pujança a sua abnegação, o seu heroísmo, a energia de seus sentimentos; enfim a têmpera inquebrantável que a faz digna das tradições paulistas.

Sou depositária dessa conquista – nada mais do que isso. Procurarei guardá-la, carinhosamente, para mais tarde, quando terminar minha missão, restituí-la à sua verdadeira dona – a mulher paulista.

Na Constituinte, espero, observarei diretrizes de intérprete fiel de minhas patrícias.<sup>30</sup>

Como observam Bertha e suas companheiras, atentas aos pronunciamentos daquela que pensam ser sua representante, Carlota não se apresenta, e nunca o fará, como feminista. Vem daí o desapontamento crescente das feministas, que podemos notar nas cartas de Bertha, e o conseqüente afastamento entre elas. Pois antes de identificar-se com as ditas questões feministas, Carlota está empenhada em afirmar sua ligação privilegiada com

---

<sup>30</sup> *Folha da Noite*, São Paulo, 12.04.1933, “Declarações da Dra. Carlota Pereira de Queiroz, a representante da mulher paulista na Chapa Única”.

o ideário constitucionalista de 1932. Assim, suas intervenções vêm fortemente marcadas pelo regionalismo, com referências constantes à herança bandeirante dos paulistas, às raízes antigas de seu nome, todos temas intensamente explorados na época pelas elites locais. Na verdade, quando se dirige a públicos femininos, reunidos inúmeras vezes por associações femininas ou feministas para render-lhe homenagens, antes e principalmente após sua eleição, Carlota identifica-se com as questões que chama de femininas e afirma ser representante da mulher na Assembléia. Porém, não assume tal representação de forma direta. Reforçando sempre o fato de ter sido escolhida pelo “povo de São Paulo”, começa falando de 1932 e dos ideais paulistas. Lembra, em seguida, a ação das mulheres durante o movimento, e diz representar a “mulher paulista”. É então, e unicamente depois de ter feito referência à “mulher paulista”, que generaliza a missão da qual se diz portadora, de representante da “mulher brasileira”.

As feministas, por sua vez, esperam de Carlota um envolvimento explícito com a sua causa, para ver, na primeira deputada federal do país, integrante de uma Assembléia Nacional Constituinte, uma representante do ideário que defendem. Elas logo percebem que Carlota não pretende exercer tal papel. Sobre isso, cito uma última vez Bertha Lutz, já decepcionada, escrevendo a Carlota, já eleita:

Carlota

abraços

Recebi notícias de São Paulo, dos jornais, mostrando o quanto você está sendo homenageada e como está falando com eloquência. Acompanho tudo com interesse vivo. Parabéns.

Quando virá ao Rio? Além da representação preciosa da grande terra que é S. Paulo, você representará na Constituinte a população feminina de 44% do território sul-americano, que não elegeu outra mulher. E esta população muito em você confia e muito tem que lhe dizer.

Escreva-me, avisando sua vinda, sim?

Carlota Pereira de Queiroz

Aqui os jomais têm explorado muito contra a mulher e o eleitorado feminino a sua declaração de que não é feminista, embora o resto das suas palavras desmintam essa declaração. Acham adorável repetir que a única mulher eleita é inimiga da mulher e não reconhece o esforço coletivo do sexo. Felizmente já estou calejada na luta.<sup>31</sup>

Falando das homenagens feitas a Carlota e de sua eloquência, Bertha poderia muito bem estar se referindo a um “Grande Banquete” oferecido à nova deputada por seus “amigos e admiradores”, no dia 22 de outubro de 1933, em razão de sua eleição. Na ocasião, uma publicação lhe é oferecida por suas amigas e conterrâneas Olívia Guedes Penteado, Carolina Penteado da Silva Telles e Maria Guedes Penteado de Camargo, contendo o conjunto dos discursos feitos, a lista dos presentes e daqueles que enviaram cartas, cartões e telegramas.<sup>32</sup>

O tom do discurso de Carlota não destoava em nada do ambiente geral, muito pelo contrário. Um acordo tácito, festivo e vitorioso existe entre ela e seus colegas de bancada José de Almeida Camargo e José de Alcantara Machado, que também tomam a palavra. Pode-se imaginar como o caráter regionalista expresso em todas essas falas recebe a aprovação geral dos presentes, unidos pela idéia de que, com a vitória da Chapa Única, São Paulo poderá enfim recuperar seu lugar no centro da cena política nacional. Esse espaço privilegiado aparece a todos como algo naturalmente merecido, tanto devido à história gloriosa dos paulistas, bandeirantes, cafeicultores, etc., quanto pelo civismo demonstrado em 1932.

Bertha Lutz parece subestimar a força desse regionalismo, identificando-se com a luta pela volta ao Estado de Direito levada pelos paulistas que, na realidade, vivendo um momento de

---

<sup>31</sup> Carta de 31.10.1933.

<sup>32</sup> Cf. *Homenagem a Doutora Carlota Pereira de Queiroz – 1ª Deputada Brasileira*, São Paulo, São Paulo Editora Ltda, s/d.

reconversão, buscam antes de mais nada recuperar o poder político perdido. Sua admiração pelos acontecimentos ocorridos em São Paulo nos quais, para aumentar ainda mais sua significação, as mulheres tomam parte, faz com que chegue mesmo a lembrar sua identidade de paulista em várias de suas cartas. Mas isso não parece bastar. Talvez pelo seu nome judeu, hipótese ainda difícil de verificar, apesar da importância das organizações católicas na mobilização paulista: a LEC elege o candidato mais votado da Chapa Única, Plínio Correia de Oliveira; a Liga das Senhoras Católicas e outras associações assistencialistas têm, dentre suas colaboradoras de destaque, mulheres próximas a Carlota, que a apoiam ou, em muitos casos, ela própria. Pesa também a importância dada, pelas famílias da elite, à ideologia das origens ancestrais de seus membros, como lembra, no banquete de 1933, José de Almeida Camargo:

Para São Paulo, porque destes a ele o esforço laborioso e paciente e fecundo de toda a vossa estirpe, trabalhando, pedra a pedra, como nós, paulistas seculares, para a sua grandeza, na glória silenciosa dos lavradores de fazendas, dos 'violadores de sertões', dos 'plantadores de cidades', dos que recuam meridianos...

(...)

Também sois de São Paulo. Sois paulista. Ser paulista não é só ter uma designação de nascimento ou de interesses imediatos comuns. Ser paulista é possuir uma adjetivação, uma qualidade, que só a tradição explica, um futuro, que só a tradição justifica.

Ao que responde a homenageada:

Neste São Paulo da minha veneração e da minha idolatria tenho também todas as minhas raízes. Aqui está a minha verdadeira razão de ser. Na história do seu passado, que é também a dos meus antepassados, encontro o estímulo que me sustenta.

(...)

Carlota Pereira de Queiroz

Antes de terminar, quero assumir um compromisso de honra junto de vós: O de amar São Paulo acima de todas as coisas. Façamos desse sentimento uma religião.

Último a falar, José de Alcantara Machado reforça a mesma idéia, começando e terminando sua “Saudação” por:

Paulista sou, há quatrocentos anos. Prendem-me ao chão de Piratininga todas as fibras do coração, todos os imperativos raciais.

(...)

Tais palavras, em que pus todo o meu orgulho de paulista, pode fazê-las suas, com tanto ou mais direito do que eu, Carlota Pereira de Queiroz.

Talvez Bertha, por sua origem imigrante, por suas idéias e sua ação, pareça-lhes por demais cosmopolita e por demais estrangeira – nas origens e nas idéias. E isso mesmo se, carregada de liberalismo, ela se coloca claramente ao lado dos opositores à ditadura. Para estes, que vê como seus aliados, ela pode aparecer como liberal demais. E Carlota solidariza-se com essa lógica: quando lista os apoios recebidos, em cada discurso que faz, refere-se sempre e estritamente às organizações femininas paulistas que, mobilizadas em 1932, apoiam em seguida sua candidatura. Quando cita nomes, esses são sempre de mulheres paulistas.

Se todas essas identificações e diferenças determinam sem sombra de dúvidas as relações entre as duas mulheres, uma outra divergência me parece fundamental: Bertha é feminista, título que Carlota recusa explicitamente. E, no seu caso, tal divergência não se dissocia da lógica geral, examinada acima, que guia seu pensamento e sua ação política. Assim, no discurso que pronuncia na homenagem em questão, e que pode ter provocado o desapontamento expresso por Bertha na última carta citada, escrita oito dias depois, Carlota afirma o seguinte:

A mulher entra assim, através da minha humilde pessoa, no exercício de novas e grandes responsabilidades. A nossa situação é de minoria absoluta, quantitativa e qualitativa. Mas, longe de nós o espírito de partidarismo e de reivindicação. O que ambicionamos é nos incorporar às forças úteis da nação. Não trazemos programas novos. O único programa a cumprir é procurar servir o nosso país.

(...)

Animada pela voz sublime do clero paulista, que foi a grande inspiradora dos campos de batalha, dos hospitais de sangue e dos serviços de retaguarda, realizou o movimento revolucionário de 1932 a mais bela página da nossa História.

Acalentado por essas mesmas vozes, cresceu e desenvolveu-se o civismo da mulher paulista, de que a representação feminina na Assembléia Constituinte é hoje uma consequência direta.

O voto feminino de 1933 e mesmo a eleição de Carlota representam para as feministas o resultado de muitos anos de luta, como diz a própria Bertha. Carlota, por sua vez, vê aí significações bem diversas. Ela traça um fio explicativo para sua eleição ligando-a à Revolução de 1932 e à mobilização cívica e assistencialista das paulistas nesse movimento. Em nenhum de seus pronunciamentos ela se refere ao fato de que existiu, antes de 1932, um longo movimento sufragista que poderia ter influenciado em algo sua vitória. E, infelizmente para as feministas, Bertha não consegue eleger-se em 1933.

Quanto ao modo de situar-se enquanto representante feminina na política, Carlota também não destoa de outras mulheres de seu estado que se pronunciavam sobre a questão. Chiquinha Rodrigues, por exemplo, vice-presidente da Bandeira Paulista de Alfabetização, faz as seguintes declarações sobre a candidatura feminina lançada pela Chapa Única:

Carlota Pereira de Queiroz

Não alimentamos ilusões sufragistas. Desejamos apenas enfrentar as realidades ambientes, e pugnar, com desinteresse, e bastante desprendimento, pelo bem de S. Paulo.

Entre os valores que integram o pensamento da gente de Piratininga não se pode pôr à margem a mulher.

Daí o meu entusiasmo pela candidatura dessa ilustrada conterrânea. Dando-lhe o meu voto desejo render homenagem à mulher de minha terra.<sup>33</sup>

As feministas olham os fatos segundo uma ótica bem diferente. E tal diferença torna-se extremamente clara durante uma homenagem prestada pelas Associações Femininas do Rio à “Primeira Deputada Brasileira”. A abertura do evento cabe a Maria Eugênia Celso, que afirma:

O feminismo, de que ainda não julgastes oportuno publicamente vos confessar adepta, Dra. Carlota Pereira de Queiroz, mas de que sois, mau grado vosso agora, o expoente máximo, vós o tendes, entanto, magnificamente praticado.

(...)

Dra. Carlota Pereira de Queiroz, saudando em vós não somente aquela que, pelo próprio punho primeiro marcará esse trabalho ao sinete das novas leis, mas também aquela que, por ter aceito esse árduo posto de honra, sem querer, sem o imaginar, siquer, trouxe consigo o gérmen dessa coisa inexistente ainda hoje, porém no futuro, organizada e poderosa que há de ser, por certo, um dia o partido feminista, saúdo, principalmente, a personificação de uma nobre causa e o triunfo de uma grande idéia.

É o que me cumpria dizer-vos em nome de minhas companheiras feministas, em nome das associações feministas do Rio, em nome de todas as senhoras aqui presentes, no acordo tão jubiloso desta homenagem, é o

---

<sup>33</sup> *Diário da Noite*, São Paulo, 11.04.1933, “A Candidatura da dra. Carlota Pereira de Queiroz à Constituinte”.

que no seu silêncio, fraternalmente, vos dizem todas as mulheres do Brasil.<sup>34</sup>

Após esse apelo tão claro, eis a resposta não menos clara e direta, preparada por Carlota para a ocasião, e proferida depois dos outros discursos de homenagem que lhe são feitos:

O diploma de deputado paulista deu-me um lugar na Assembléia Constituinte e o direito de falar em nome do meu Estado. Embora única representante feminina no parlamento, eu não represento a mulher brasileira e por isso não me julgava com direito de falar por ela. Os meus títulos resumiam-se num só – o de paulista.

(...)

No dia da instalação solene desta Assembléia augusta, à qual incumbe neste momento a mais elevada missão da política nacional, experimentei uma grande emoção. Era demais para uma frágil sensibilidade feminina, até há pouco resguardada dessas vibrações violentas.

Mas, pensei no vosso passado de lutas... pensei no heroísmo da mulher paulista, que me elevara a tão alto posto. E diante dessa significação muito mais ampla da missão que me compete, nada justificaria perante vós que a havieis conquistado, minhas patrícias e minhas conterrâneas paulistas, este gesto de incerteza de minha parte, tão em contradição com a vossa coragem.

(...)

Mas para que eu pudesse falar também em nome da mulher brasileira, precisaria ter recebido poderes especiais para isso e ninguém m'os havia delegado. Seria preciso, principalmente, que houvesse um único partido feminino organizado. E isso não se concebe, nem é o que se dá. Para tal seria preciso que tivéssemos todas as mesmas

---

<sup>34</sup> “Discurso de D. Maria Eugênia Celso”, *Almoço oferecido pelas Associações Feminina do Rio à Primeira Deputada Brasileira Dra. Carlota Pereira de Queiroz*, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1934, pp.4-6.

Carlota Pereira de Queiroz

convicções e conseguíssemos identificar todas as nossas aspirações, que formássemos um partido, enfim. E felizmente não o temos. Porque um partido nessas condições, a que poderia se filiar cerca da metade da população do Brasil, poderia representar politicamente um perigo para o nosso país. Mas, seria inadmissível que todas as mulheres viessem a seguir uma orientação única.<sup>35</sup>

O discurso de Carlota opõe-se assim, diametralmente, às proposições mais caras de sua anfitriã, que guarda o melhor para o final de sua fala, e termina renunciando a criação, ao que tudo indica já visível no horizonte das feministas que veio representar, de um partido que uniria as mulheres em torno de uma mesma causa. Carlota não somente discorda de tal ponto de vista, como guarda um silêncio significativo quanto à denominação de feminista que Maria Eugênia lhe outorga. Mais uma vez, ela não destoa das demais vozes femininas de seu estado: na mesma homenagem, discursa também Chiquinha Rodrigues, já citada, representando desta vez a Federação dos Voluntários de São Paulo. Diz a conterrânea e aliada de Carlota:

Feminismo. Até onde vai o feminismo em S. Paulo?  
Senhoras minhas, a mulher paulista quer para o seu sexo higiene e cultura, poderação e firmeza, consciência perfeita do que é e percepção plena do que lhe compete fazer na hora presente. Não cogita de reivindicação. O voto lhe é suficiente neste momento e dele saberá ela com galhardia costumeira fazer o uso acertado em todos os embates que lhe surgirem à frente.  
(...)  
O feminismo da mulher paulista é esse.  
Nada de reivindicações. O seu trabalho se estende às obras de assistência e educação. As iniciativas particulares se multiplicam para proteção e criatura, e sendo assim sem

---

<sup>35</sup> “Discurso da Dra. Carlota Pereira de Queiroz”. Op.cit., pp.14-15.

rivalidade nem dissensões, o feminismo triunfará por certo.<sup>36</sup>

Bertha lembra Carlota, na última carta citada, do fato de que ela não representa somente a “grande terra que é S. Paulo”, mas também “a população feminina de 44% do território sul-americano, que não elegeu outra mulher”. Mesmo assim, acrescenta que quando os jornais exploram suas declarações de que não é feminista, trata-se somente de mais uma iniciativa anti-feminista da imprensa pois, a seu ver, o resto da fala de Carlota desmente tais declarações. Infelizmente, não temos certeza sobre o teor exato das declarações em questão mas, de um modo geral, não me parece que Carlota desmintas esse tipo de colocação. Bem ao contrário. A título de exemplo, numa entrevista não datada, conservada em seus arquivos, ela faz afirmações que poderiam muito bem ter desapontado as feministas e que exprimem de forma justa as posições que defenderá sempre. Aliás, talvez estejam realmente aí as declarações das quais fala Bertha, feitas após as eleições:

Não ignoramos em S. Paulo o trabalho da classe feminina do Distrito Federal, com o auxílio de vários núcleos estaduais pela obtenção do voto feminino e todas as fases da campanha, embora diretamente pouco tenhamos contribuído.

Mas, mesmo sem intervenção direta estou certa de que a nossa colaboração foi eficaz, dando provas concretas da eficiência do trabalho da mulher. (...) Em S. Paulo, a mulher entrou em ação com a revolução de 1932 e, como sempre acontece nesses fenômenos sociais, sofreu graças a isso uma evolução muito rápida. Quando o voto feminino tornou-se uma realidade, já encontrou a mulher paulista organizada para recebê-lo porque o próprio eleitorado da sua terra foi o primeiro a consagrá-la.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> Cf. Id., ib., pp.11-12.

<sup>37</sup> Carlota Pereira de Queiroz, entrevista, manuscrito, s/d.

Carlota Pereira de Queiroz

Carlota tem a seu favor duas vantagens significativas em relação às feministas. Em primeiro lugar, o fato irrefutável de ter sido a única representante feminina eleita. E, em consequência disso, o fato de que passa a ocupar o centro da cena, a divulgar sua visão da conjuntura política e da “questão feminina” com mais facilidade que as feministas, privadas de um acesso à palavra pública igual ao seu. Além disso, o discurso feminista encontra uma receptividade menor que o de Carlota. E esta, apoiando-se em sua eleição, deixa implícita em suas falas a idéia de que, finalmente, o feminismo não serve tanto assim à mulher, ao menos não tanto quanto o civismo.

Existe, porém, uma ambiguidade na maneira pela qual Carlota utiliza em seu proveito o termo feminista, ou feminismo. Ambigüidade que leva Bertha, ainda que decepcionada, a afirmar que ela desmente suas proposições tidas pela imprensa – anti-feminista – como anti-feministas. Nesse sentido, fazendo referência ao feminismo, na mesma entrevista que acabo de citar, Carlota diz o seguinte:

Feministas não fomos nós, na acepção da palavra que me parece mais lógica. Foi o próprio governo que concedeu o voto à mulher, foi o eleitorado paulista sufragando um nome feminino. Nós não podemos ser “feministas” – seria um pleonasmo...<sup>38</sup>

Ora, utilizando seus talentos discursivos, ela acaba certamente declarando-se feminista. Só que o faz retirando simultaneamente do feminismo qualquer mérito quanto à obtenção do direito de voto e quanto à sua eleição; o faz esvaziando todo o sentido da luta que, durante mais de uma década, foi levada à cabo por aquelas que reivindicam justamente uma identidade feminista. Além disso, após o trecho acima, ela

---

<sup>38</sup> Id., ib.

repete as idéias já defendidas em sua resposta a Maria Eugênia Celso, contra a existência de um partido unicamente feminino, ou feminista. Posição que retoma ainda num discurso feito na Câmara Federal, em 1935:

O primeiro orador da hora do expediente foi a Sra. Carlota de Queiroz, da representação constitucionalista de São Paulo. A oradora reportou-se à sua eleição para a Constituinte e falou da vida partidária no país para condenar os partidos feministas. Entende a Sra. Carlota de Queiroz que tais organizações devem perder esse caráter exclusivista para receberem em seu seio representantes do sexo forte...<sup>39</sup>

Visivelmente, sua divergência em relação ao ideário feminista não é nada desprezível. Aliás, em 1936, quando Bertha assume seu mandato na Câmara Federal, Carlota não será sua aliada política. Em artigo precedente, examinei os conflitos existentes na atuação das duas deputadas, especialmente em torno da “Comissão Especial de Elaboração do Estatuto da Mulher”, presidida por Bertha, da qual Carlota participa.<sup>40</sup> A discordância desta, em relação ao projeto da Comissão, mostra que seu diagnóstico sobre a realidade social e a conjuntura política difere fundamentalmente daquele feito pelas feministas. De maneira geral, e sem pretender esgotar aqui a questão, Bertha Lutz, Maria Eugênia Celso e outras feministas brasileiras do

---

<sup>39</sup> “A Câmara Federal e seus aspectos”, *A Gazeta*, São Paulo, 09.08.1935. Para a íntegra do discurso ver *Discurso pronunciado na Câmara dos deputados pela Dra. Carlota Pereira de Queiroz (da Bancada Paulista) em 8 de agosto de 1935*, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1936. Carlota afirma aí que não se arroga “direitos de líder feminista, mesmo porque sempre fui contrária às organizações partidárias exclusivamente femininas” (p.3). Tais afirmações são retomadas por *O Estado de S.Paulo*, 09.08.1935, “As Conquistas Femininas Asseguradas pela Constituição”.

<sup>40</sup> SCHPUN, Mônica Raisa. Carlota Pereira de Queiroz: uma mulher na política. Op.cit.

Carlota Pereira de Queiroz

período lançam sobre o social um olhar voltado antes de mais nada para a garantia dos direitos civis e políticos das mulheres, para a igualdade de condições e de acesso ao trabalho e à justiça. Carlota não. Ela pensa as questões que chama de femininas com um olhar de educadora e de médica, sem esquecer suas preocupações com a assistência social, centradas na proteção à infância e à maternidade. O filtro é outro, mesmo se algumas vezes possa haver coincidência entre os diagnósticos e as propostas de umas e outras. Tais coincidências podem aliás explicar o fato de que as feministas tenham esperado outra coisa da ação política de Carlota.

De qualquer modo, fica difícil avaliar se o apoio prestado pela FBPF foi útil à sua eleição. O que sabemos é que se de um lado ela não o recusa, mantendo relações próximas com Bertha durante todo o período anterior ao pleito, também não o reivindica. Preferindo citar outras fontes de aliança em seus discursos, refere-se sempre a fontes paulistas e, quando femininas, sempre ligadas ao assistencialismo e à mobilização cívica de 1932.

### **Acompanhada**

Apesar de tudo o que já foi dito, e ainda que Carlota exprima toda sua distância em relação àquelas que reivindicam explicitamente tal apelação, me parece necessário perguntar se, afinal, ela é ou não feminista.

Na verdade, Carlota nunca desempenhou papel relevante nas lutas sufragistas da década de vinte. Seu percurso é outro. Se se distigue incontestavelmente das mulheres de seu meio quando decide seguir a carreira médica, fato pouco comum, seu envolvimento com a política liga-se a um aspecto bem menos heterodoxo de sua ação pública, qual seja, sua ação filantrópica e a identificação das mulheres paulistas com a bandeira do constitucionalismo.

Porém, o espaço simbólico e físico que ocupa vem carregado de tensões. Tensões que, ao mesmo tempo, constituem

e revelam a conjuntura histórica do momento em seus conflitos políticos, sociais, e, particularmente, naqueles ligados à ocupação sexuada dos espaços – que estes sejam espaços políticos, sociais, simbólicos ou físicos.

Assim, mostrando não ignorar o alcance das situações vividas, no diário de viagem já citado, escrito em 1935, Carlota refere-se à questão, enquanto narra os momentos difíceis que lhe são impostos por seus colegas homens. Segundo seus escritos, como vimos, alguns desses colegas agem no sentido de excluí-la de espaços aos quais seu estatuto oficial lhe dá acesso. E isso pelo fato de ser mulher. Irada, ela faz então as seguintes reflexões:

Sou contra a luta de sexos e faço tudo para evitá-la, mas há homens como o S. que são rudes por natureza e para os quais a mulher é sempre uma fêmea.

(...)

Acabo sendo contra mulher na política, porque a solidariedade dos homens não existe e o partido só de mulheres é uma aberração. E quem o diz é tida como a maior prova da competência política da mulher. Mas, o que há realmente é só um tato exagerado da minha parte para não brigar com os homens e dar oportunidade a novas tentativas de representação feminina.

Antes de mais nada, me parece justo não subestimar as ambições de Carlota e de suas aliadas, nem a percepção que teriam da realidade política do momento e das oportunidades abertas. Assim, as estratégias políticas desenvolvidas pelo grupo, que foram coroadas pela inclusão de seu nome na Chapa Única e pela sua eleição, não podem ser lidas como mera atuação cívica iluminada pelos ideais constitucionalistas. E ainda menos como fruto de um desejo de trazer moralidade e altruísmo à política,

como afirmam com freqüência alguns discursos da época, tentando atenuar a entrada das mulheres nesse espaço.<sup>41</sup>

Acredito assim que, apesar do peso dos apelos regionalistas e constitucionalistas presentes em seu discurso, podemos chamar de feministas tanto a atuação, quanto o motor da mobilização de Carlota. O que pode nos fazer pensar que a decepção das cariocas da FBPF se deva a um simples mal-entendido quanto ao seu perfil.

Entretanto, é verdade, seus discursos e sua ação política, como vimos, parecem estabelecer aí uma ruptura: apesar de toda a ambigüidade que possa ter deixado em seus pronunciamentos, Carlota acaba afastando-se realmente tanto das feministas, quanto do feminismo. Sobre isso, e procurando enlaçar as duas problemáticas centrais abordadas aqui, proponho a seguir, à título de conclusão, dois elementos explicativos.

Em primeiro lugar, o comprometimento de Carlota com o ideário da Chapa Única é realmente forte e sua eleição deve-se sem dúvida, em grande parte, ao espaço que lhe é aberto pelas lideranças políticas paulistas. O apoio que podem ter-lhe trazido as feministas acaba sendo secundário e o fato de que Bertha não é eleita funciona como prova cabal da força dos paulistas e da fraqueza política das feministas, num cenário bastante

---

<sup>41</sup> Faca de dois gumes, o argumento da moralização da política não é utilizado somente no sentido indicado, de diminuir a significação do mandato de Carlota. Ele faz parte de outras tantas construções discursivas, utilizadas pela própria Carlota e pelas feministas, que visam diminuir a distância entre as mulheres e a política, explorando apelos ao inato feminino. Porém, tais construções esbarram numa armadilha: reforçando estereótipos ligados à feminilidade, ao invés de facilitar a identificação das mulheres com esse campo masculino de atividades, elas acabam mantendo-as circunscritas a um universo à parte. Assim, tendo escolhido uma via que procura tranquilizar e aliviar os homens quanto à entrada das mulheres na política, seus porta-vozes realçam, na verdade, as distâncias que pretendem anular. Um exemplo da estratégia feminista em relação a esse raciocínio está num trecho de carta de Bertha para Carlota citado acima (“O alistamento deve ser feito ‘para a defesa da criança e da mulher’ – o que a ninguém assustará.”). C.f., nota 17.

desfavorável a esse tipo de expressão. Uma primeira idéia simples seria então que Carlota se alia publicamente com aqueles que garantem sua posição, tão desejada – e ambiciosíssima –, de constituinte. Ela tem a consciência exata da importância simbólica, mas também prática, do espaço que passa a ocupar. Vivendo as situações de misoginia que se esforçou tanto em esconder, ela conhece a preciosidade do seu novo estatuto e as dificuldades existentes para que uma mulher possa não só conquistar tal posição, mas também mantê-la, devendo renegociá-la constantemente. Assim, podemos pensar que, priorizando a continuidade de seu prestígio público e o usufruto das oportunidades nada desprezíveis que lhe são abertas pela política, Carlota toma o caminho da cumplicidade explícita com seus pares.

Evidentemente, a cumplicidade com os ideais de 1932 e com a política feita pela bancada paulista não devem exigir dela nenhum sacrifício especial; ela identifica-se à causa tanto quanto seus colegas. Aliás, a atuação da bancada dentro da Assembléia será sempre marcada por uma articulação eficiente e sobretudo por sua homogeneidade.<sup>42</sup> Carlota não deixa de colaborar com esse caráter geral da ação dos “paulistas” conseguindo, graças às provas dadas, ser re-eleita em 1934. Ligando-se ao ideário defendido, ela conquista uma posição de prestígio irrefutável no seio do grupo que organiza a UDB e, depois, a UDN. Assim, afastando-se das feministas, Carlota solidifica sua posição no cenário político, identifica-se com seus pares homens, e abre mão de um discurso que, na verdade, não parece querer ter. Pois, declarando-se “contra a luta de sexos”, ela exprime ao mesmo tempo sua imagem do feminismo e sua diferença em relação àquelas que reivindicam tal identidade.

Entretanto, não se trata unicamente de uma escolha pessoal que, uma vez feita, encontra espaço social para afirmar-se logo

---

<sup>42</sup> Angela Maria de Castro GOMES, Angela Maria de Castro, LAHMEYER, Lúcia e COELHO, Rodrigo Bellingrodt Marques. *Revolução e restauração...* Op.cit., p.299.

Carlota Pereira de Queiroz

em seguida. A situação é conflituosa e tudo está longe de depender da estratégia pessoal adotada por Carlota; sua autonomia enquanto ator social esbarra em barreiras e sobre-determinações fortíssimas. Assim, se por um lado ela parece sinceramente não se identificar com o ideário feminista, por outro, seus colegas convidam-na insistentemente a desistir de qualquer reivindicação ou comportamento que possam indentificá-la com o mesmo. E ela escolhe colocar-se do lado mais forte.

Sua participação no III Congresso Feminino, organizado pela FBPF no Rio, em 1936, enquanto representante de São Paulo, é um exemplo eloqüente de como faz passar sua identificação com os interesses políticos dos paulistas na frente de uma identidade pública não obrigatoriamente feminista, mas simplesmente “feminina”, de gênero. No banquete do qual Vargas participa, cada delegada faz uma pequena intervenção, dizendo algo sobre a situação das mulheres em seu estado. Carlota é a única que aproveita a presença de Getúlio para dar um tom político a seu discurso. Eis o início de sua fala:

A presença do Chefe da Nação Brasileira no almoço de homenagem que lhe oferece o 3º Congresso Nacional Feminino, é mais uma afirmação do elevado conceito que V. Excia. revelou quanto à colaboração da mulher na política, concedendo-lhe o direito de voto.

A representação de S. Paulo, aqui presente, composta de uma ex-prefeita, hoje deputada estadual<sup>43</sup>, e de uma constituinte e deputada federal, é a melhor demonstração de que o governo de nosso Estado foi solidário com V. Excia. nessa resolução.

Com certeza, aos seus colegas de bancada e de partido não devem ter escapado seus talentos discursivos e sua fidelidade.

---

<sup>43</sup> Trata-se de Maria Thereza Silveira de Barros Camargo, ex-prefeita de Limeira e eleita representante do Partido Constitucionalista na Assembléia Constituinte Estadual de 1934.

Além disso, e o exemplo escolhido não tem nada de gratuito, o que me parece fundamental na situação é que Carlota, frente às outras delegadas, coloca-se como política, e não como mulher, distinguindo-se assim das demais. De maneira geral, ao construir sua identidade pública, Carlota tenta afastar-se de campos de atividade, ou mesmo de posições e comportamentos que a coloquem num meio identificado como feminino. Já em 1920, quando se inscreve na Faculdade de Medicina, desiste de sua carreira de educadora porque o meio apresentava-se, a seus olhos, por demais limitado e feminino.<sup>44</sup> A única exceção para essa lógica é sua ação filantrópica, que não parece incomodá-la. Mas sua identidade de médica traz, aí também, um elemento diferenciador em relação às outras voluntárias envolvidas. Além disso, trata-se justamente da atividade que a levará a entrar na política, atravessando então radicalmente a fronteira entre o feminino e o masculino.

Voltando ao exemplo apresentado acima, resta dizer que, identificando-se com a política, mais do que com o feminismo ou com o feminino, Carlota desvela uma realidade digna de nota: as duas coisas se excluem, ou ao menos convivem mal. O que significa dizer que a fronteira que separa o masculino do feminino tem a força de separar também o campo da política institucional daquele do exercício de uma identidade de gênero, que esta carregue uma dimensão política, feminista, ou não.

Vale dizer então que, escolhendo o caminho da política, Carlota desloca-se num espaço extremamente reduzido, com pouquíssima margem de manobra. E seu cuidado extremo para esconder a misoginia enfrentada no convívio político pode ser um indício do grau de pressão sob o qual levou à cabo tal carreira.

---

<sup>44</sup> Quanto a isso, ver o capítulo sobre a vida de Carlota Pereira de Queiroz em: HELLSTEDT, Leone McGregor. (org.) *Women physicians of the world – autobiographies of medical pioneers*. Washington/Londres, Hemisphere Publishing Corporation, 1977, pp.85-90. Para uma visão geral sobre o início de sua carreira, como educadora, ver SCHPUN, Mônica Raisa. Carlota Pereira de Queiroz: entre representativa e singular. Op.cit., pp.155-159.

Carlota Pereira de Queiroz

Não é à toa que ela se declara, escrevendo para si mesma, “contra a luta de sexos”, fazendo “tudo para evitá-la”. Pois, segundo a descrição que nos dá do que enfrentou em outubro de 1935, ela só poderia opor-se a tal luta, na qual deve sempre perder para poder aparecer como ganhadora; eis o preço a pagar, que visivelmente aceitou. Quanto a fazer “tudo para evitá-la”, pudemos ver, resta-lhe só o silêncio.

Talvez isso explique porque Carlota teve que optar entre ser política e assumir uma identidade feminista, ou ao menos feminina. Tendo escolhido o feminismo, Bertha Lutz, por exemplo, não aparece como ganhadora, ao menos não tanto como Carlota, que ombreia com os homens na política. Mas também não paga o preço do silêncio. Se Carlota tem um acesso maior à palavra pública, como vimos, isso se dá ao preço de um discurso menos discordante, ou que esconda cuidadosamente eventuais discordâncias.

A segunda e última reflexão que farei ainda, antes de terminar, refere-se ao regionalismo paulista, que exerce aí seu papel, de certo modo. Pois acredito ver, na atuação pública das mulheres da elite local a expressão de uma tradição de cumplicidade de classe muito marcada, e de uma especificidade na relação entre os homens e as mulheres do grupo.

Em São Paulo, a caridade é sem sombra de dúvidas o álibi por excelência que permite às mulheres da elite o exercício de uma atividade ao mesmo tempo digna de sua posição e não voltada às responsabilidades privadas. A ação intensiva da Liga das Senhoras Católicas e a envergadura das obras realizadas ao longo de toda a década de vinte é, neste caso, extremamente eloqüente.<sup>45</sup> A urbanização e a atração exercida pelo espaço público paulistano, em construção no período, levam as mulheres

---

<sup>45</sup> Sobre a Liga das Senhoras Católicas ver: SCHPUN, Mônica Raisa. *Les Années folles...* Op.cit., pp.93-100 e Com licença, vou à rua. Espaço urbano e relações de gênero em São Paulo nos anos 20. *Revista de Cultura Vozes*, vol. 89, n° 2, maio-junho de 1995, pp.16-29.

a ocupar seu lugar no seio das redes de ação beneficente. Já bem antes da mobilização de 1932, tais redes respondem a um projeto de assistência aos necessitados que, simultaneamente ao crescimento urbano e à formação da classe operária, caminha de mãos dadas com a política imigratória. As mulheres têm então seu lugar dentro de um projeto social e político mais amplo. Dando assistência, elas trabalham pela integração desses imigrantes, operários, trabalhadores pobres e flutuantes à uma identidade que garante ao mesmo tempo coesão e ordem social. Ao lado dos homens, elas trabalham pelo sucesso do grupo social ao qual pertencem, enriquecido pelo café, urbanizado e ainda dominante da cena política nacional.

Após 1930, afastado do poder, o grupo desenvolve inúmeras estratégias de reconversão. Assim, é absolutamente normal ver as mulheres assumirem uma vez mais os ideais de classe e a cumplicidade de antes, travestidos aqui nas expressões de regionalismo examinadas (amor à terra, às raízes, à herança bandeirante, etc.) e na mobilização cívica de 1932. Nesse contexto, o discurso e a ação feministas não encontram sua razão de ser, não trazem nenhuma resposta, pois as mulheres conquistam seu lugar de outro modo. E isso apesar da simpatia que podem sentir por alguém como Bertha Lutz. Não é então por acaso que quando esta vem a São Paulo, as paulistas a recebem com toda a amizade e presenteiam-na com sua bandeira. Levando em conta a história que lhes é própria, nenhum outro símbolo poderia falar melhor por elas, resumindo tão perfeitamente a mensagem que têm a dar. Quanto a Carlota, se uma hesitação pôde existir entre afirmar-se como mulher na política e, neutralizando tal papel, identificar-se com os interesses do grupo social ao qual pertence, a segunda alternativa me parece ter sido a escolhida.